

TERESA PINTO COELHO, *EÇA DE QUEIRÓS AND THE VICTORIAN PRESS*. WOODBRIDGE: TAMESIS, 2014

Gabriela Gândara Terenas
Universidade Nova de Lisboa/CETAPS

Eça de Queirós and the Victorian Press, tradução inglesa de *Londres em Paris. Eça de Queirós e a Imprensa Inglesa* (Lisboa, Edições Colibri, 2010) institui-se como uma obra de referência no âmbito dos Estudos Anglo-Portugueses, área em que a autora, Professora Catedrática do Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, se tem revelado eminente especialista. Refiram-se de sua autoria, nomeadamente *O Portugal de 1834 e a Guerra Civil Vistos por um Inglês* (2003), *A Agulha de Cleópatra. Jaime Batalha Reis e as Relações Diplomáticas e Culturais Luso-Britânicas* (2000) e *Apocalipse e Regeneração: o Ultimatum e a Mitologia da Pátria na Literatura Finissecular* (1996).

O estudo recentemente dado à estampa desvenda ao leitor um novo Eça de Queirós que, embora residente em Paris, se mostra cada vez mais afastado do paradigma galo que delineara a sua educação, em grande parte por via da mediação taineana, apresentando-se claramente fascinado e influenciado pela cultura anglófona, em geral, e pela imprensa inglesa (e norte-americana), em particular.

A partir da descoberta de uma factura da livraria francesa Galignani, ao estilo do que se convencionou denominar “o manuscrito encontrado”, Teresa Pinto Coelho conduz o leitor por uma aventura quase detectivesca, com a diferença substancial de que não se trata aqui de um mero artifício literário, mas de um documento real, reproduzido na página 5 da obra. O objetivo último, e plenamente conseguido, é procurar demonstrar

que Eça se encontrava muito mais ligado ao modelo cultural anglófono do que provavelmente ele próprio conseguiria admitir. Na verdade, os trabalhos já existentes sobre a imagem da Grã-Bretanha na imprensa periódica portuguesa da segunda metade do século XIX haviam revelado o que Teresa Pinto Coelho vem agora confirmar com o caso particular de Eça de Queirós: a influência dos modelos britânicos em Portugal era muito maior do que à primeira vista se poderia supor, sobretudo tendo em conta a alegada preponderância da cultura francesa.

De facto, a factura referida apresenta um elenco de vários periódicos ingleses (e alguns norte-americanos) encomendados por Eça. O cotejo dessa factura com o acervo existente na biblioteca de Tormes, com a correspondência e o espólio do autor e, sobretudo (e de forma exaustiva), com a leitura e a análise minuciosa de todos os periódicos anglófonos aí listados (hoje existentes na Bodleian Library), leva a autora a concluir que Eça se inspirou no periodismo inglês (e norte-americano) para a concepção de *A Revista de Portugal* (1889-1892), para a colaboração no *Suplemento Literário da Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro (1892) e, ainda, para projectar, entre 1894 e 1896, uma nova publicação, que, todavia, não chegaria a sair a lume, sob o título de “O Serão”. Trata-se, portanto, de um trabalho pioneiro, na medida em que, pela primeira vez, se estuda a influência do jornalismo vitoriano na concepção dos três periódicos queiro-sianos.

O trabalho agora em apreço encontra-se organizado em quatro capítulos, todos eles subdivididos em vários subcapítulos com sugestivos títulos: 1) “An invoice from Galignani’s”, 2) “The *Revista de Portugal*: an English-style review?”, 3) “The *Suplemento Literário da Gazeta de Notícias*” e 4) “‘O Serão’: finally, an English-style magazine?”.

Tendo como ponto de partida a factura da Galignani, o primeiro capítulo, revela-nos não só uma meticulosa e aturada investigação levada a cabo pela da autora, mas também a imagem de um Eça que, vivendo na capital francesa, era um leitor assíduo de periódicos ingleses e alguns norte-americanos, a saber: jornais de informação diários (*Times*, *Standard*, *Daily News* e *New York Herald*) e semanários (*Spectator*, *Graphic*, *St. James Budget*, *Pall Mall Budget* e *Public Opinion*); jornais artísticos, literários, musicais e científicos (*Literary World*, *Art Journal*, *Musical Times* e *Nature*); *reviews* (*Saturday Review*, *Contemporary Review* e *New Review*); e *magazines* (*Longman’s Magazine*, *Cassell’s Illustrated Family Paper*, *Chambers’s Journal of Popular Literature, Science and Arts*, *Rare Bits from All the Most Interesting and Amusing Sources Extant*, *Atlantic*

Monthly: a Magazine of Literature, Science, Art and Politics, *Scribner's Magazine* e *St. Nicholas: an Illustrated Magazine for Young Folks*). Tal circunstância leva Teresa Pinto Coelho a concluir que, para o célebre romancista português, nos anos oitenta, “the leading thinking nation” (40) era já Inglaterra e não França, contrariamente ao que muitos queirosianos continuam a defender. O primeiro capítulo oferece-nos ainda informação preciosa sobre estes variadíssimos jornais e revistas ingleses e norte-americanos que serviram de modelo a Eça, encontrando aqui o leitor interessado na imprensa anglófona uma aturada caracterização do periodismo vitoriano.

O capítulo 2, dedicado à *Revista de Portugal*, mostra-nos como Eça, ao elaborar este periódico, tentou preencher o que considerava ser uma lacuna no panorama jornalístico português, seguindo, para isso, o modelo das *reviews* inglesas, nomeadamente a *Contemporary* e a *Fortnightly*. Teresa Pinto Coelho transporta o leitor para dentro do universo queirosiano, fazendo-o partilhar as dúvidas, as hesitações e, por fim, as opções de Eça nas várias fases de planificação e execução da revista, estabelecendo sempre o contraponto com a correspondência e o espólio do escritor, assim como, paralelamente, com a biblioteca de Tormes. Nesta envolvente demanda, destacam-se dois momentos: em primeiro lugar, a surpreendente e sustentada informação de que a *Revista de Portugal* era recenseada no célebre periódico *Review of Reviews* (1890-1953), editado pelo polémico jornalista W.T. Stead, significando que aquela era enviada, muito provavelmente pelo próprio Eça, a Stead, de acordo com um sistema de permutas. Tal explica o facto, durante muito tempo intrigante para a autora, de a popular revista inglesa não constar na lista da factura da Galignani. Neste contexto, podemos encontrar no subcapítulo intitulado “Exchanging viewpoints. The *Revista de Portugal* as seen by the *Review of the Reviews*” uma análise crítica de todas as referências ao periódico queirosiano existentes na revista inglesa.

Em segundo lugar, deve destacar-se a inclusão na *Revista de Portugal* de duas novas secções intituladas “Factos e Ideias” e “Boletim Bibliográfico”, ambas inspiradas no periódico *Review of Reviews*. Tal como Teresa Pinto Coelho explica tratava-se de uma publicação de cariz popular, dirigida à classe média-baixa, a qual tinha justamente como principal objectivo “to present a summary of the best that was published in the reviews and magazines of the time” ao estilo do *New Journalism* (71). Assim, tanto Jaime Magalhães Lima, a quem fora confiada a responsabilidade da secção “Factos e Ideias”, como o próprio Eça, encarregado do “Boletim Bibliográfico”, apresentam um

apreciável número de recensões a revistas e a livros ingleses, o que obrigou a autora a percorrer exaustivamente periódicos como *Contemporary Review*, *Review of Reviews*, *Leisure Hour*, *Black and White*, *Forum*, *North American Review* e *Arena* (entre outros), no sentido de encontrar a fonte dessa informação. Em ambos os casos, a pesquisa revelou-se muito proveitosa, pois a autora conseguiu efectivamente encontrar as fontes de Magalhães Lima e de Eça, apresentando ao leitor esclarecedores quadros comparativos dos textos tal como surgiram nas revistas originais, quer naquela que, não raro, serviu de mediadora (a *Review of Reviews*), quer, finalmente, nas referidas secções da *Revista de Portugal*. Os excertos apresentados em Anexo ajudam ainda a compreender a estratégia dos jornalistas portugueses na produção dos textos de chegada, frequentemente mediante a tradução, a adaptação e a compilação de artigos publicados nas revistas estrangeiras. Deve, contudo, sublinhar-se que, contrariamente a Magalhães Lima, Eça, no seu “Boletim Bibliográfico”, não se limitou a traduzir as recensões encontradas nos periódicos estrangeiros, antes criando textos originais em torno de duas grandes temáticas, o império e as viagens, assuntos de óbvio interesse comum aos públicos leitores britânico e português.

No capítulo 3 da obra – “*The Suplemento Literário da Gazeta de Notícias and the Victorian New Journalism*” –, a autora testemunha a adopção de uma estratégia idêntica na concepção da folha do Rio de Janeiro, tendo Eça bebido simultaneamente das mesmas fontes para as secções da *Revista de Portugal* e para o *Suplemento* carioca, sobretudo durante o período de sobreposição dos dois periódicos. Todavia, desta feita, o escritor optaria preferencialmente pelos *magazines* ingleses para sua informação e inspiração, em detrimento das *reviews*, modelo seguido pela *Revista de Portugal*. A índole efêmera desta parecia, portanto, demonstrar que falhara enquanto projecto reformador do gosto e da mentalidade da sociedade portuguesa, quiçá por ter em mente o exemplo da burguesia europeia culta. Ao analisar as características da folha carioca, a autora transporta o leitor para o apelativo mundo do *New Journalism* vitoriano, voltado para as campanhas sociais dos anos oitenta, mas também atraente para o leitor comum mediante o apelo às emoções, ao humor e ao uso de ilustrações. Mais uma vez, Teresa Pinto Coelho percorre, um a um, os vários títulos elencados na factura da Galignani, no sentido de identificar os textos de partida utilizados por Eça e pelos seus colaboradores, nomeadamente por Jaime Batalha Reis, então residente em Inglaterra, a quem Eça curiosamente enviava os periódicos artísticos e científicos

encomendados em Paris. A autora chega, assim, à conclusão de que, entre os principais modelos para a elaboração do *Suplemento*, constavam exemplares como o *Chambers's Journal of Popular Literature, Science and the Arts* e o *Pall Mall Budget* (também de Stead). Neste capítulo, a informação encontra-se fundamentada também na correspondência de Batalha Reis, personalidade bem conhecida da autora e já objecto de estudo de um dos trabalhos anteriores.

Ainda neste terceiro capítulo, mais precisamente no ponto 3.4. (“ ‘Hábitos de Gladstone’ and Eça’s editorials”) deve destacar-se a forma como Eça seguiu de perto as novidades introduzidas pelo *New Journalism* vitoriano no respeitante, desta feita, à prática de apresentar ao público-alvo o quotidiano de figuras proeminentes, nomeadamente estadistas. Na sua incansável pesquisa, a autora descobre, assim, a fonte de um artigo de fundo sobre o célebre primeiro-ministro vitoriano, William Gladstone, publicado anonimamente por Eça no *Suplemento*. Trata-se da tradução de um texto vindo a lume dois meses antes em *Review of Reviews*, sob o título “The Home Life of Mr. Gladstone”. Todavia, Eça não se limitou a traduzir, pois, recorrendo sempre à imprensa inglesa, interpretou e (re)construiu o retrato pessoal de outras personalidades da época, como o Imperador Wilhelm II, que a autora descobre ter sido, por seu turno, traduzido posteriormente no jornal *Times*, em 1914, e na *Fortnightly Review*, em 1916, decerto devido à visão premonitória e lúcida de Eça face à figura do *Kaiser* e ao papel que este viria a desempenhar no primeiro grande conflito mundial. Eça inspirou-se na originalidade e na pujança do jornalismo britânico, vindo este, mais tarde, a reconhecer o mérito do romancista, assim como a subtilidade e a perspicácia da sua produção escrita.

A interacção de Eça com a cultura e o jornalismo ingleses não termina aqui. “O Serão” surge no quarto e último capítulo da obra – “ ‘O Serão’: finally, an English-style magazine? ” – como um projecto na linha dos *magazines*, demonstrando de forma cabal a opção de Eça pelo paradigma britânico. Ao cruzar os dados já obtidos com o material existente no espólio do romancista português, a autora descobre o programa e as propostas de capa (da autoria de Columbano) de uma nova revista, um *family magazine*. O principal modelo deste parece ter sido *The Idler Magazine: an Illustrated Monthly Magazine* (1892-1911), tal como a correspondência trocada com Alberto de Oliveira, seu parceiro nesta empreitada, indicia. No entanto, a influência anglófona no projecto não se circunscreve a este exemplar, pois há ainda a considerar o nova-iorquino *The Century Illustrated Monthly Magazine* (1881-1929) e o londrino *Pall Mall Magazine*

(1893-1914), dois mensários profusamente ilustrados e sobretudo dedicados à divulgação da literatura em língua inglesa. O quarto capítulo é, todo ele, uma novidade, o culminar de um árduo e frutífero percurso, uma investigação de recorte quase detectivesco, desencadeada com um mero “manuscrito encontrado”.

Depois da publicação deste último estudo de Teresa Pinto Coelho, a visão tradicional de um Eça marcado sobretudo ou definitivamente pela cultura francesa merecerá decerto uma revisão pelos próprios queirosianos, pois a autora, com fortíssimos argumentos, mostra-nos Eça como um “unequivocal Anglophile” (4). Simultaneamente, a investigadora abre novas perspectivas sobre as relações entre o célebre escritor português e o mundo anglófono, inserindo, de modo indiscutível, o pensamento e a produção literária e jornalística de Eça de Queirós no âmbito dos Estudos Anglo-Portugueses.